

OS EXEMPLARES DA *TIM TIM POR TIM TIM* DE SOUSA BASTOS

Alberto Tibaji (Ferreira da Rocha Junior)

Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ

Tim tim por tim tim, Sousa Bastos, crítica genética.

## 1. Introdução

Este artigo é um dos resultados da pesquisa que atualmente desenvolvemos, intitulada *Arquivos teatrais: letra e voz*, na qual nos dedicamos à escrita de biografias de amadores teatrais e à preparação de textos para publicação <sup>1</sup>.

Em 1992, a profa. Beti Rabetti (Maria de Lourdes Rabetti) foi contratada como pesquisadora visitante pela então FUNREI, atual Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Sua principal tarefa era criar um grupo de pesquisas na área de artes cênicas. Foi fundado, então, o GPAC (Grupo de Pesquisas em Artes Cênicas) e dentre as várias ações desenvolvidas pelo Grupo, obteve-se a guarda, por tempo indeterminado, do acervo do “Clube Teatral Artur Azevedo” (1905-1985). O acervo foi organizado e classificado, permanecendo até hoje sob a guarda da UFSJ. Em 2003, a universidade recebeu a doação do acervo particular do Sr. Antônio Manoel de Souza Guerra (1892-1985) que está ainda em fase de organização e classificação <sup>2</sup>. Dentro desses dois acervos, atualmente domiciliados na sala Antônio Manoel de Souza Guerra na biblioteca do *Campus Dom Bosco* da UFSJ, encontramos quatro exemplares da peça portuguesa de teatro de revista *Tim tim por tim tim* de Antônio de Sousa Bastos e um exemplar constituído de um conjunto de papéis. Nesta comunicação refletimos sobre a experiência de preparação do texto para publicação, suas dificuldades e desafios.

## 2. A peça

A peça de teatro de revista *Tim tim por tim tim* foi representada pela primeira vez no dia 27 de março de 1889, em Lisboa, no Teatro da Rua dos Condes. Foi esta peça que *marcou a sua* [de Sousa Bastos] *definitiva consagração como autor do gênero* (REBELLO, 1984, p. 95). A peça obteve tamanho sucesso que em sua primeira época fez 109 representações sucessivas e foi objeto de *uma série interminável de reposições durante vários anos, em Portugal e no Brasil, chegando a estar simultaneamente em diversos teatros por diferentes companhias* (REBELLO, 1984, p. 95). Um ano depois de sua estréia, o periódico *Antônio Maria* exhibe uma caricatura do espetáculo com os seguintes dizeres: *a revista Tim tim por tim tim, que vai de vento em popa, sem cabelos brancos nem desfalecência de enchentes, rejuvenesceu-se há dias com um ato novo, de verve endiabrada, que faz rir a platéia e chorar a polícia – a qual, por mais fizesse, não lhe encontrou pé por onde a proibir* (REBELLO, 1984: 95).

No primeiro volume da sua obra *História do Teatro de Revista em Portugal*, Francisco Rebello comenta:

o texto [da *Tim tim por tim tim*] sofreu inúmeras modificações ao longo de todos esses anos, consoante o lugar e a época em que era representada. Mas a sua estrutura básica manteve-se. No prólogo, comum a todas as versões, cuja ação decorre na gruta de Calipso, Ulisses despede-se da ninfa em cuja ilha viveu momentos de amor e repouso, e entre coros e modinhas prepara-se para visitar a cidade que à beira do Tejo fundou. Daí em diante a revista contava com as andanças do herói mitológico, em companhia do pitoresco ‘Lucas, marceneiro aposentado’, por lugares reais ou fictícios, que variavam, bem como as figuras intervenientes, de umas versões para as outras. (REBELLO, 1984: 96)

De Portugal para o Brasil, a *Tim tim por tim tim* continuou sendo representada com bastante sucesso, até chegar a São João del-Rei. Apesar do sucesso de décadas e de ter cruzado um oceano, nunca teve seu texto integralmente publicado. No livro de Francisco Rebello há um trecho da peça referente ao quadro famoso da *Cozinha Dramática* e, no *Teatro de Revista no Brasil: das origens à Primeira Guerra Mundial*, Roberto Ruiz menciona a publicação apenas do seu libreto: *O libreto da revista, já adaptado às múltiplas representações em nossos palcos, foi editado em 1906, no Rio de Janeiro, pela Tipografia Rebelo Braga, Rua da Alfândega, 180* (RUIZ, 1988: 161).

Em 1892, a peça se apresenta pela primeira vez no Brasil e já em 1901 a Companhia fundada por Silva Pinto e dirigida pelo artista Álvaro Colás representa pela primeira vez a *Tim tim por tim tim* em São João del-Rei. Depois disso, a peça foi representada com grande frequência na cidade, sobretudo quando o Clube Teatral Artur Azevedo encontrava-se em dificuldades financeiras, o que significava que a peça era sucesso de público garantido.

Importantes para o presente trabalho foram os indícios das representações da peça de revista *Tim tim por tim tim* encontrados nas fontes deixadas pelo amador são-joanense. Seguindo então os rastros históricos deixados pelo amador teatral Antônio Guerra e pelo Clube Teatral Artur Azevedo, observa-se que há menção de apresentações da *Tim tim por tim tim* nos anos 1901, 1917, 1918, 1928, 1930 e 1932 (GUERRA, s.d.). Entretanto, na apresentação do ano de 1901 não houve participação do Clube Teatral Artur Azevedo, uma vez que só seria fundado em 1905. Além disso, uma das apresentações do ano de 1932 foi feita na cidade de Barbacena, seguida das apresentações de *O Periquito* e *Barbacena em Revista* que, como o próprio nome indica, tratava-se de uma peça de revista ensaiada exclusivamente para o evento.

Nos álbuns confeccionados por Antônio Guerra foram encontrados poucos anúncios e recortes de jornais que exibem reportagens e comentários sobre as apresentações da *Tim tim por tim tim*. É importante também salientar que grande parte destes documentos com referências às apresentações da *Tim tim por tim tim* ora não exibem a sua data de confecção, ora não mencionam o nome do clube teatral que apresentaria o espetáculo, prejudicando o uso dessas fontes para nosso estudo. Constatou-se ser o Álbum 11 de grande referência histórica da *Tim tim por tim tim*, por apresentar nas fontes informações mais completas.

Os cinco exemplares da peça foram assim designados: *Manuscrito de Capa Verde*, *Manuscrito com Mulher de 1921*, *Datiloscópia com Mulher de 1931*, *Datiloscópia com Mulher de 1955*, Conjunto de papéis.

### 3. Da letra e da voz ao exemplar: um percurso

O par de conceitos presente no título do projeto (*Arquivos teatrais: letra e voz*) foi uma referência explícita ao livro de Zumthor que se intitula *A letra e a voz – a "literatura" medieval*. Apesar de se referir especificamente à literatura da Idade Média, esse par conceitual pode ser utilizado para a compreensão de certas características próprias ao teatro. Em termos bastante sucintos, o que o crítico suíço mostra é a interdependência entre letra e voz, a relação íntima entre texto e performance. A palavra literária medieval frequentemente precisa ser proferida, vocalizada para existir. Torna-se impossível distinguir o texto original, o texto primeiro. Nessa época, dominam as variantes. Isso obriga Zumthor a criar a categoria de “movência” para analisar a literatura medieval: o texto desse período dificilmente pode ser considerado como um produto acabado e estável. Como afirma Zumthor (1993), *a escrita era só uma parada provisória da voz* (p. 121).

Inicialmente, o conceito de *voz* com o qual o projeto trabalhou referia-se às marcas de interferência do usuário sobre a *letra*: cortes, colagens, riscos, acréscimos, que testemunham uma possível representação passada. Assim, pensou-se, por exemplo, que o *Manuscrito de Capa Verde*, por não conter tais indícios, não tivesse *voz*. Entretanto, se pensarmos que os textos da peça *Tim tim por tim tim* encontrados no Acervo não são manuscritos autógrafos de Sousa Bastos, e que, sob influência da característica de *movência* presente no teatro de revista, os textos de que dispomos são versões diferentes, logo, pode-se pensar que os manuscritos e os datiloscritos são *vozes* da *Tim tim por tim tim*, da qual não se tem referência exata da letra.

Ainda que considerássemos a letra um *momento de parada provisória*, a dicotomia entre permanência e fugacidade parecia não mais contribuir para a compreensão do que fazíamos. Em última instância, a questão era: tanto nos manuscritos quanto nos datiloscritos, poderíamos observar a voz e a letra. A voz não poderia ser associada às interferências: em última análise, um texto sem interferências poderia ser considerado a voz. Ou então, toda marca deixada seria letra. A essa dificuldade juntava-se também outro problema: o que eram os documentos com os quais trabalhávamos: cópias, versões da *Tim tim por tim tim*? Não estaríamos nós ainda buscando o texto primeiro? E mais: quem era o autor do texto que preparávamos para publicar? António de Sousa Bastos?

Abandonamos o par teórico de Zumthor e toda referência a versões e cópias. Passamos a denominar os manuscritos e os datiloscritos **exemplares** da peça *Tim tim por tim tim*. A palavra “exemplar” simultaneamente remete à idéia daquilo que é reproduzido em série (um exemplar da primeira edição de *A capital federal* de Artur Azevedo) e daquilo que pode servir

de modelo; noutras palavras, aquilo que deve ser copiado. Em suma, com essa nova designação rompemos com a idéia de busca de um original, de um texto primeiro, a partir do qual as “vozes”, as performances, se originaram. Cada exemplar é simultaneamente modelo e cópia.

## **<sup>1</sup>Notas:**

Em relação a este trabalho, contamos com Elton Mendes Francelino (Bolsista PIBIC/CNPq por dois anos) que trabalhou na preparação do texto da peça *Tim tím por tím tím*.

<sup>2</sup> Registramos nosso agradecimento aos filhos de Antônio Guerra: Sônia, Lúcia, Danilo, Duílio, Fernando e Antônio.

## **Referências Bibliográficas**

GUERRA, Antônio. *Pequena história de teatro, circo, música e variedades em São João del-Rei* (1717-1967). Juiz de Fora: Esdeva, s.d.

REBELLO, Luiz Francisco. *História do teatro de revista em Portugal*. Lisboa: D. Quixote, 1984.

RUIZ, Roberto. *Teatro de revista no Brasil: do início à I Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Inacen, 1988.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a «literatura» medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.